



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: Conservatorios — Subsidios para a historia da música no Maranhão — A Musica em Portugal
Concertos — Noticiario — Necrologia

Conservatorios

Se attendermos a certas theorias de economia politica — hoje muito vulgarizadas — a existencia de escolas d'arte emanando directamente do Estado e sustentadas pelos dinheiros publicos não parece de facil justificação. A maioria dos economistas modernos não admitte, em materia d'arte, senão a pura e simples iniciativa particular, allegando que o Estado se deve abster por completo de tudo o que não corresponda a um interesse social immediato e positivo. Consentem os mesmos rigoristas que o Estado patrocine as escolas de altas sciencias phisicas e mathematicas, porque estas, que pelas suas applicações produzem constantemente maravilhosas innovações no dominio da industria, concorrem por esse facto para o engrandecimento e riqueza do paiz que mais effizamente as proteger. Quanto ás artes, que por si proprias não encerram um fim utilitario e não são portanto chamadas a augmentar a riqueza publica, não tem direito algum, por aquella concepção scientifica, ás larguezas da communitade.

Se arredarmos, todavia, essas theorias abstractas e consultarmos a historia e o sentimento universal, duas auctoridades que tem grande peso na vida dos povos, devemos concordar que a questão muda singularmente d'aspecto, e não é difficil comprehender como, pela logica das circumstancias, se viu o Estado obrigado, na

mór parte dos paizes occidentaes, a patrocinar e acompanhar de perto o ensino artistico.

Entre todas as artes foi certamente a musica a que, desde as antigas eras, mereceu maior disvelo ás sociedades civilizadas. Foi sempre objecto de uma devotada cultura e de um ensino regular.

Muito antes que a plastica grega tivesse arriscado os primeiros ensaios, o canto coral era consagrado pelas instituições religiosas e politicas das principaes tribus hellenicis. E' sabido que a educação spartana, considerada pelos mais eminentes espiritos da antiguidade como o ideal pedagogico d'um povo livre, não comprehendia senão a musica vocal e os exercicios phisicos — a musica para acordar na alma o sentimento do Bello — a gymnastica para contrabalançar a depressão, o amollecimento que podiam resultar da pratica exclusiva de uma arte demasiado seductora. De Sparta a cultura da musica transportou-se para Athenas. Famosos mestres, que se succedem sem interrupção desde as guerras dos Médos até ás da Macedonia, estabeleceram as bases da technica e da theoria; sob a sua direcção as escolas musicas de Athenas tornaram-se os principaes focos da intelligencia, da philosophia e da distincção. Mesmo a perda da independencia hellenica e a consequente decadencia da arte não lograram produzir a ruina do ensino musical: crearam-se pelo contrario novos centros intellectuaes em toda a immensa extensão do paiz, agora aberto á cultura hellenica.

Além das escolas d'Alexandria, votadas

às investigações scientificas e onde muito se tratava das mathematicas musicaes, viram-se surgir n'este momento companhias artisticas, cuja missão era organizar festas musicaes e representações dramaticas por todo o mundo mediterraneo. Tal era entre outros o collegio ou synodo de Téos, cuja organização não é hoje desconhecida dos eruditos.

Quando o gosto pelas festas e representações theatraes se propagou nos paizes conquistados pelas armas d'Alexandre — que os romanos por sua vez se enthusiasmaram com o theatro e com os artistas gregos — e finalmente que os synodos, como o de Téos, se tornaram uma especie de agencias dramaticas para todos os paizes mediterrannicos — formaram-se no seio d'esses synodos viveiros d'artistas em todos os generos, verdadeiros conservatorios de musica, que forneciam artistas para todas as scenas do imperio romano. Ha uma inscrição de Téos, infelizmente incompleta, que menciona o nome dos vencedores em um dos concursos d'esta escola, dando-nos assim uma parte do programma dos estudos que ali se cursavam. Vê-se por essa inscrição que as materias de ensino musical e dramatico eram, entre outras: execução elementar na lyra; virtuosismo na cithara; canto com acompanhamento de cithara; rythmographia; mélographia, ou composição musical propriamente dita; comedia; tragedia. A educação que se ministrava na escola de Téos não se limitava exclusivamente á habilidade technica do musico ou do actor; abraçava tudo o que na epoca alexandrina devia aprender um homem distincto; davam-se premios na recitação de poesias, em conhecimentos geraes, na pintura, no estylo e em exercicios physicos.

Antes mesmo que a arte pagan houvesse chegado ao termo da sua lenta agonia, já se creavam escolas musicaes para a execução e propagação dos cantos da igreja christan. A dar credito a uma antiga tradição, sob o reinado de Constantino, o papa Silvestre já teria estabelecido uma escola para *meninos de côro*, como hoje se diria; e no sec. v é indubitavel que já havia esse genero de seminarios. Foi pela actividade d'essas primeiras escolas romanas que pouco a pouco se colligiu esse corpo de melodias liturgicas, que haviam de receber de S. Gregorio o Grande a sua forma definitiva.

No tempo de Carlos Magno as luzes artisticas da sociedade christan, até então concentradas em Roma, espalham-se em todo o Occidente e preparam de longe o

advento da arte europêa. Nas escolas que esse grande imperador fez estabelecer em todos os mosteiros e sédes episcopaes, admittiam-se tanto os filhos dos servos como os dos homens livres ao estudo da grammatica, da musica e da arithmetica. No seio d'essa sociedade semi-barbara a erudição soergue-se de um longo somno; nos primeiros annos do sec. x Remi d'Auxerre abre em Paris uma escola publica, em que procura fazer reviver as theorias musicaes da antiguidade. Até ao fim da Idade Média não esmorece a impulsão dada durante esses seculos tão pouco conhecidos e tão laboriosos. A Ilha de França e a Inglaterra nos sec. XII e XIII, a Belgica a partir do meiado do XIV, collocam-se á testa do movimento e criam a arte da polyphonia; cada mosteiro é um centro d'estudos musicaes, cada cathedral tem o seu seminario. No sec. XVI apparecem finalmente na Italia os primeiros *conservatorios*, denominação que na sua origem se referia unicamente ao intuito caritativo d'esses estabelecimentos. Eram na sua maior parte orphelinatos, destinados a educar moços de côro, mas que tambem se occupavam accessoriamente da technica instrumental. Eram d'esse genero: a instituição de S. Felipe Nery, em Genova; os conservatorios *dei poveri di Gesù Cristo, di Santa Maria di Loreto, della Pietà de' Turchini, di S. Onofrio*, para rapazes, *dell'Annunziata e di S. Eligio*, para raparigas, todos de Napoles; e quatro conservatorios femininos em Veneza, *Ospedale della Pietà, Mendicanti, Incurabili, Ospedaleto di San Giovanni*. Em Bolonha, supprindo de algum modo os conservatorios, houve numerosas Academias e, na sua celebre Universidade, uma cadeira de musica que o papa Nicolau V fundou em meados do sec. xv.

Até ao fim do seculo XVIII os conservatorios são por assim dizer um privilegio da Italia. Os outros paizes occidentaes tinham os seminarios e alguns largamente dotados como o nosso de Villa Viçosa (Collegio dos Reis), a que o seu fundador, o 7.º duque de Bragança, D. Theodosio, concedeu importantes beneficios (1). Foram tambem notaveis entre nós as escolas das cathedraes de Braga, Lisboa e Evora, que no sec. XVI tiveram respectivamente por mestres a Gaspar dos Reis, Affonso Lobo

(1) O seminario de Villa Viçosa existiu até fins do sec. XVIII ou principio do seguinte. O filho do fundador, D. João IV, dotou-o em 1645 com uns estatutos que vêm reproduzidos nas *Provas da Historia Genealogica da Casa Real* (tomo IV, pag. 608 a 618).

e Cosme Delgado. E acima de todos se deve citar, como modelo do genero, o Seminario Patriarchal (2), d'onde sahiram alguns bons artistas portuguezes dos sec. XVIII e XIX, como Antonio Leal Moreira, Marcos de Portugal, João José Baldi, Francisco Xavier Migoni e muitos outros.

Quem deu o primeiro exemplo do ensino laico da musica foi a França, em pleno Terror. Fundando o Conservatorio de Paris, a Convenção forneceu o modelo para todas as instituições analogas que depois se crearam em grande numero de capitães europeas (3) e que, sem solução de continuidade, se substituíram ás antigas escolas religiosas. Assim, o ensino official da arte pode ter tido momentos de depressão, pode ter sido mesmo reduzido á simples rotina, mas nunca soffreu uma inteira paralisação nem mesmo nos momentos mais tenebrosos da historia.

Concentrado durante a Idade Média na mão das corporações religiosas, devia necessariamente passar para a gerencia do Estado, quando as doutrinas da revolução franceza se tornaram a base do direito publico. Collocando o Conservatorio de Paris sob a egide da nação, os ferozes jacobinos reconheceram com justiça que, supprimindo as corporações ecclesiasticas, o Estado se obrigava a assumir as suas attribuições e cargos publicos, e que na sociedade nova, em que tudo se tornara individual e transitorio, só elle tinha as precisas probabilidades de permanencia para salvar de ruina certa as instituições artisticas, cuja utilidade fosse reconhecida.

Ora, se essa utilidade se impunha já em epoca tão profundamente turvada, não se tornará muito mais sensível no nosso tempo?

Nenhuma arte realisa um papel tão importante na vida moderna, nenhuma apaixonada tanto o publico e as massas como a musica, arte democratica por excellencia.

Mas notemos tambem que nenhuma carece ao mesmo tempo de tão consideravel concurso de talentos e de vontades.

(Continúa.)

Subsidios para a historia da música no Maranhão

Em 1900 residia em San Salvador, capital do Estado da Bahia, o tenor Antonio Raiol, quiçá o maior dos músicos maranhenses daquela época. O ensino musical nesta terra outr'ora cognominada a Atenas Brasileira, pedia, ou mais propriamente, exigia sérias reformas, amparadas de métodos novos, tendo por modelo os que acompanhasssem o movimento moderno, relativo tanto á arte como á pedagogia.

Era tão palpavel essa falta que o principal poder estadual, num desses gestos amplos, significativos, criou, pela lei n.º 244, de 19 de março do mesmo ano, o estabelecimento que se denominou Aula Nocturna de Música. Depois de assentadas as principaes bases do regulamento que havia de regê-lo, foi convidado aquêl maestro a residir nesta San-Luiz do Maranhão, afim de assumir a sua direcção, confiando-se-lhe ainda a regencia da cadeira de música do Lyceu Maranhense e da de igual disciplina na Escola Normal.

Antonio Raiol era possuidor de tão bela quanto extensa voz, educada pelos moldes da escola italiana e tesoiro de grandes conhecimentos musicais. Trabalhava incançavelmente, mas os esforços d'ele não alcançavam o seu desejo, o ponto longinquo que colimava, devido aos estreitos limites em que eram talhados os programas dos diferentes cursos sob a sua direcção. O seu nome e o seu talento, sobejamente conhecidos no Brasil, e em algumas cidades europeias, notadamente em Milão, onde estudára harmonia, composição e canto, impunham-lhe horizontes mais largos para a arena de acção. Empreendedor ao extremo; desencorajado, entretanto, em muitas ocasiões. Quando sua vontade não era satisfeita em toda a linha, abandonava, desalentado, a ideia que então se lhe apoderava. Era incapaz de proseguir em empresas que lhe não satisfizessem completamente o senso artistico.

Chegado de Manáus, onde residiamos e eramos aluno da Academia de Belas-Artes, da qual era director, seja dito de passagem, o maestro Joaquim Franco, entrámos para a Aula Nocturna. Ainda nos lembramos da maneira cavalheiresca por que fomos recebido pelo director. Depois das exigencias legais, referentes á matri-

(2) Fundado por D. João V em 1713. Em um dos artigos do seu estatuto se determina que o mestre, alem das lições do seminario, deverá dar «aula publica e gratuita a todos os que quizerem aprender Solfa ou aperfeiçoarem-se n'esta arte».

(3) Eis a data da fundação dos conservatorios modernos: Bolonha, 1804; Milão, 1807; Praga, 1808; Vienna, 1816; Liège, 1826; Bruxellas, 1832; Lisboa, 1835; Leipzig, 1843.

cula, passámos por um apurado exame de admissão afim de obtermos classificação no competente ano. Caiu-nos a teoria dos intervalos, em geral. Praticamo-la desembaraçadamente e o maximo grau de aprovação foi a nossa recompensa. Acanhadissimo era o programa, como já dissemos; subia, todavia, a 150 o número de matriculas, cujo sistema era o misto. O respeito mantido naquela casa de educação, era, por assim dizer, quasi religioso, sem exagero de especie alguma. Ao terminar a ultima hora dos estudos, os alunos de antemão preparados, entoavam o *Hino a Santa Cecilia*, letra de Sebastião Neves e musica do nosso inesquecível mestre; *Ave Maria*, trecho integrante da *missa solene* do mesmo autor, a que mais adiante aludirei; e outras composições que não vêm ao caso enumerar. Matriculamo-nos na Aula Nocturna em julho de 1900, e o curso do estabelecimento não foi interrompido, concorrendo, para isso, não só a assiduidade do maestro, mas igualmente a perseverante frequencia dos alunos.

Chegára-nos, enfim, o dia dos exames, e o vasto salão do prédio em que era acomodada a aula, foi dividido em secções, para se estabelecerem as mesas examinadoras dos diversos cursos. Escolhera Raiol o 22 de Novembro, que no seu pensar, rendiriam homenagem a Santa Cecilia, a padroeira dos musicos, aproveitando-se, para semelhante fim, as entoações que se seguissem aos ultimos actos e a bela e caprichosa ornamentação. Foram um delirio as despedidas que fizemos ao nosso intelligente professor. As vibrações que então sentiamos levaram-nos, nessa mesma noite, a combinar sobre algumas maneiras significativas para a realização de festejos a 23 de dezembro seguinte, cuja data era a do aniversario natalicio do simpatico director. E ás 5 horas da tarde de 23, um extenso cortejo, ao qual aderiram inúmeros amigos e admiradores do homenageado, que não discipulos, penetrava na residencia de Antonio Raiol, por entre as aclamações sobretudo delirantes. Os alunos da Aula Nocturna ofereceram-lhe o seu retrato. Esta festa que testemunhava a gratidão, tambem nos deixou em repouso, esperando a reabertura das aulas no futuro ano lectivo.

As férias não eram prolongadas durante a direcção do maestro Raiol. As aulas reabriam-se acostumadamente em principios de fevereiro. A ideia que preocupava Raiol, desde o inicio da Aula Nocturna, ele nunca a deixara de parte; caminhava *pari passu* com o progresso dos seus alu-

nos. Não esmoreceu, empregando toda a sua actividade para conseguir ou a ampliação das disciplinas ou a criação de uma escola que preenchesse não só as necessidades evidentes, senão tambem lhe patenteasse as aptidões artisticas.

Já nessa época a Aula Nocturna era de preferencia escolhida pelos concertistas que aqui se vinham exhibir. Muitos artistas de merecimento se fizeram ouvir em sólos com acompanhamento de grande orquestra, sob a regencia de Raiol.

(Continúa.)

ADELMAN BRASIL CORRÊA.



A Musica em Portugal

Com destino ao numero de junho da *Revista musical madrileña*, escreveu o eminente professor Rey Colaço a seguinte *Carta de Lisboa*, cuja transcripção nos foi graciosamente consentida.

Agradecendo ao auctor esse cortez sentimento, passamos a reproduzir o referido artigo no mesmo idioma em que foi escripto, para nada perder do seu original sabôr.

Está tocando a su fin el movimiento musical de Lisboa, en esta época, y que apesar de ser mayor que el acostumbrado, no podemos aun clasificar de vertiginoso.

Entretanto seria injusto dejar de constatar, en las nuevas generaciones, un vivo deseo de progreso, de cultura, de refinamiento estético, y en mucha gente joven se observa la santa y laudable ambicion de elevarse del modestissimo nivel en que yaciamos... — Hay, sin embargo, aun bastante que andar! El publico que acude a conciertos y audiciones, ávido y entusiasta, sí, pero insuficientemente orientado, envuelve todavia, inconciente, en el mismo embelesamiento, Beethoven y Mozowsky; Mozart y Chaminade; Wagner... y el maestro Sampayo...! — Por otra parte un diletantismo deprimente y irritante lo domina todo; lo avasalla y absorve todo; desde la pedagogia musical hasta la critica, y el arte facil, cursi y frivolo; ese Arte sin intensidad, ni majestad, ni grandeza, con que algunas damas elegantes pretenden, — sin conseguirlo — ahuyentar de sus salones el tedio y la soñolencia, sufoca

cuando no asfixia completamente, la impotente acción del artista ..

En mediados de abril, el pianista Vianna da Motta dió un concierto con gran pompa en el Teatro de San Carlos, en que al mismo tiempo que el concertista volvió a producirse como *virtuoso*, hizo ejecutar una *cantata* de su composición, «Invocación a los Luziadas», para orquesta y coros, que fué aplaudida por unos, discutida por otros, y finalmente... archivada por el autor, a espera, sin duda, de un ambiente más propicio... — Como pianista, Vianna da Motta alcanzó el éxito habitual, y su interesante mujer conquistó nuevamente al auditorio cantando deliciosamente, entre otras cosas, el «Hymno a Venus» (con acompañamiento de orquesta), de d'Albert, que tuvo que repetir.

Oscar da Silva, otro pianista y compositor portugués, domiciliado en Leça da Palmeira, hace ya algún tiempo, y que goza de generales simpatías y consideración, nos hizo oír, (también en el teatro de S. Carlos) dos producciones suyas: — un cuarteto, para piano, violín, viola y violonchelo, y una sonata para piano y violín, — que el público escuchó con interés y alentó con aplausos... En la ejecución de las dos obras, especialmente de la sonata, llamó la atención del auditorio un elemento hasta hoy desconocido por aquí: un joven violinista belga llamado Bohet, que dió prueba é hizo gala de afinación rara, calor vibrante y técnica perfecta.

En busca de una emoción estética mas intensa que las que nos viene ultimamente ofreciendo Lisboa, fue días pasados a Condeixa, en donde se me habia asegurado existia un Orfeon compuesto de obreros analfabetos y otros elementos, casi indigentes que, para contentamiento y deleite propios, y, defendiéndose de la tentadora taberna, se reunían y cantaban juntos... Bach y Palestrina...! — Era verdad: és un hecho: existe en Condeixa, pequeña población en las cercanías de Coimbra, (que encierra también interesantes recuerdos históricos) una asociación de gente trabajadora; analfabeta, pobrísima — en gran parte hasta *descalza* —; y mal alimentada... que se reúne tres veces por semana, bajo la dirección de un benemérito: el padre Juan Augusto Antunes, cuerpo y alma de aquella corporación, y canta... (con que entusiasmo, afinación, inteligencia, respeto y amor!) varios corales de Bach; el «Hymno a la Noche», de Beethoven; el

«Adoremus», de Palestrina; el coro de cazadores del «Freyschutz», etc., etc. — Lo vi yo en persona: lo vi y lo admiré yo mismo así como todos mis compañeros de excursión!...

— Actualmente el interesante Orfeon de Condeixa, gracias siempre á la iniciativa de su fundador, el padre Antunes, se transforma en una «Scola Cantorum Santa Cecilia», dividida en tres cuerpos:

Instrucción — Cultura del canto coral, dibujo industrial; educación profesional en clases nocturnas; creación de un archivo y biblioteca musical y promoción de exposiciones de manufacturas del Consejo.

Beneficencia — Auxilio a instituciones de beneficencia, del Concejo, é individual, tanto a los socios efectivos pobres, como a personas estrañas a la Asociación, residentes en la población o en la parroquia.

Recreo — Fiestas organizadas por el Orfeon; audiciones, bailes, representaciones y excursiones.

Es expresamente prohibido a los socios, en qualquier parte en que se hallen reunidos, hablar y discutir sobre asuntos políticos y religiosos...

Volvi á Lisboa... — Adiós Bach y Palestrina, y adiós música!... — Escribo aun hoy en pleno periodo de revolución. Desde mis ventanas vi el crucero «Vasco da Gama» bombardear los fuertes de Monsanto... á silbar balas... también me anunciaron muertes, saqueos!... Vaya unos diitos divertidos para un temperamento tan medianamente belicoso como el mio!... — Pero, me dije con Liszt: «no hay nada perdido mientras exista un piano», y... poniendome al frente del valeroso ejército de pianistas que tengo el placer y subido honor de comandar, resolví dar una serie de seis audiciones musicales que recorran la escala toda que, de Scarlatti, nos conduce hasta Albeniz y que nos distraigan, consolándonos, de las bombas e granadas con que este año, en Portugal, se celebra... «el mes de Maria»!...

Lisboa — Mayo-1915.

ALEJANDRO REY COLAÇO.





Por nos não ter chegado a noticia a tempo, não mencionamos no ultimo numero o excellente concerto d'alumnas, que Raymundo de Macedo organisou a 12 d'este mez no Porto. Remediamos, ainda que tardiamente, a falta, registando-o agora e prestando assim mais uma homenagem, de todo o ponto justa, ao grande merecimento de Raymundo de Macedo, actualmente consagrado como um dos mais esforçados e talentosos mestres do Porto.

Foram as seguintes as senhoras que abrilhantaram esta festa: D. Maria Georgina de Macedo, D. Maria José Lopes Cardoso, D. Judith de Mello Brou, D. Dina Gama de Lima, D. Marcella Faria e D. Aldora Ferraz.

Todas as alumnas, e especialmente a ultima que é já uma professora distincta, mereceram dos jornaes portuenses as mais elogiosas referencias.

* * *

A 3.^a audição escolar de Rey Colaço teve lugar, como as anteriores, em uma das salas do *Gremio Literario*. Foi essa a primeira a que pudemos assistir este anno, e por muito prevenidos que estejamos em favor de tão eminente leccionista, por muito que esperassemos dos seus alumnos, não conseguimos furtar-nos a um assomo de sincera admiração, perante as tão variadas manifestações de talento e de boa escola que n'essa audição se produziram.

Começou esta sessão musical pelo *Concerto Italiano*, de Bach, que o alumno Fernando Leitão detalhou com bom estylo e apropriada côr, seguindo-se-lhe as alumnas: M.elle Marcus, que poz uma bella intuição na execução do *Impromptu em lá bemol*, de Schubert; M.elle Mello Barreto, que tocou com grande precisão e colorido a *Romanza* de Sibelius e uma das *Arabesques*, de Debussy; M.elle Roseira, cuja *Sonata* de Beethoven foi perfeita, mórmente no andante com variações; D. Irène Gomes Teixeira, que mostrou mais uma vez um fino e vibratil temperamento d'artista, servido por um admiravel *toucher*, na *Ballada em sol menor*, de Chopin; M.elle Brito Freire, cuja execução se revelou cheia de

brilho na difficil *Rapsodia XI* de Liszt; M.elle Sousa Marques, que tocou com assombrosa technica, não isenta de delicadeza e *charme*, dois *Estudos* de Chopin-Brahms e Weber-Brahms; e, finalmente, M.elle Sabido Costa, que em duas transcrições wagnerianas, cuja difficuldade não corresponde a nosso ver ao effeito produzido, soube tirar grande partido e mostrar valiosos recursos de solista de piano.

Coroou esta excellente audição uma prolongada salva de palmas em dupla homenagem ao mestre e ás alumnas.

* * *

A 16 teve lugar a apresentação do violoncellista David de Sousa, para a qual não recebemos convite.

* * *

Na sua casa da Avenida Fontes reuniu na noite de 19 algumas alumnas, em uma festa de character meramente particular, a talentosa e illustre professora de piano, sr.^a D. Gertrudes Maria de Barros, uma das mais consideradas e auctorisadas profissionais que lecciona meninas da nossa primeira sociedade.

A festa foi brilhante e cheia d'enthusiasmo, apesar de só assistirem a ella as familias das discipulas e algumas pessoas das relações da promotora.

O programma, selecto e attrahente, compoz-se das seguintes obras: *Fröhlicher Landmann*, de Schumann, por D. Fernanda de Barros Lima; *Melodia Franceza* de Tschaikowki e *Sonatina*, de Beethoven, por D. Eulalia de Sousa; *Volksweise* e *Danse des sylphes*, de Grieg, por D. Maria de Lourdes Barros Teixeira; *Rondó* de Kuhlau, por D. Luiza Cardoso Marques; *Melodia* de László para piano e violino, por M.elles Barros e Helena Fernandes; *Cantiga d'amor*, de V. da Motta, por D. Irène de Sousa; *Cavatina*, de Raff, para piano e violino, por M.elle Barros e Helena Fernandes; *Papillons*, de Grieg, por D. Fernanda Carocha; *Chanson d'avril*, de Bizet, por D. Sarah Fernandes; *Preludio*, de Alkan e *Minuetto*, de Paderewski, por D. Maria E. Ritta Pessoa; *Un bel di vedremo*, da opera *Butterfly*, para canto, por D. Helena Fernandes; *Impromptu*, de Rubinstein, por D. Irène de Sousa; *Ballade*, de Brahms, por D. Elisa Magalhães Carrelhas; *Preludio*, de Chopin e *Pièce de style ancien*, de Chaminade, por D. Bertha Borges.

Todos os numeros foram esplendidamente executados, demonstrando o optimo aproveitamento das discipulas e as faculdades artisticas, de technica, interpretação e sentimento, da conceituada e distinctissima professora.

A audição deixou em todos as mais gratas recordações, recebendo todas as executantes entusiasticos applausos e a professora muitas flores e diversos brindes.

Além dos numeros de canto e violino com que a sr.^a D. Helena Fernandes amenizou o programma, tambem a sr.^a D. Bertha Borges cantou duas lindas composições, não annunciadas, de Denza e Tosti — sendo ambas as distinctas amadoras largamente ovacionadas.

Os acompanhamentos ao piano foram feitos pela sr.^a D. Gertrudes Maria de Barros, a quem apresentamos as nossas felicitações pelo brilhante resultado do seu trabalho.

* * *

O concerto de 19 foi sem duvida um dos mais bellos que a *Academia de Amadores* tem organizado n'estes ultimos tempos. E comprehende-se que assim fosse quando o insigne Vianna da Motta honrava aquella casa com a sua preciosa colaboração e sua esposa, a sr.^a D. Bertha de Bivar V. da Motta, tambem contribuia poderosamente para o brilho excepcional d'esse concerto.

O nosso jornal tem-se occupado tantas vezes dos dois illustres *virtuosi*, que nada já poderemos acrescentar senão expressões que revelem uma incondicional admiração, sem curar de pormenores de execução, que são todos perfeitos. A maneira como Vianna da Motta executou os *Patinadores*, de Liszt, a delicada *Fantasia*, de Beethoven, e as outras obras com que nos deliciou, dentro e fóra do programma, está acima do elogio banal; constitue uma satisfação de arte pura, perante a qual nos devemos todos inclinar. Não pudemos ouvir a sr.^a D. Bertha Motta no *Hymne à Vénus*, de D'Albert, que estava annunciado; admiramol-a, em compensação, em duas composições de seu esposo e teve a gentileza de bisar uma d'ellas.

A orchestra, sob a direcção de D. Pedro Blanch e propositadamente acrescentada com elementos de valor para esta conjunctura festiva, interpretou bastante bem a abertura do *Manfredo*, de Reinecke e o *Capricho italiano*, de Tschaikowski; melhor correriam, todavia, essas duas peças, se se lhes pudesse ter dado mais alguns ensaios, pois são realmente difficeis para

amadores. O mesmo diremos do acompanhamento da deliciosa *Fantasia* de Beethoven, que, quer nos côros, quer na orchestra, não encerra transcendencias technicas, mas requer uma grande naturalidade e leveza.

E a proposito de côros, devemos dizer que nos agradou sem restricções e foi muito merecidamente ovacionado o *Ave Verum*, de Mozart, que o sr. Fortée Rebello ensaiou e dirigiu excellentemente.

Foi, em resumo, um optimo concerto, pelo qual felicitamos muito calorosamente a diligente e zelosa direcção da Academia.

* * *

Com o exito e agrado habituaes realisou a illustre professora, Mad. Rangel Baptista Mendes, em 20 d'este mêz, mais uma primorosa audição das alumnas do Collegio Inglez.

Foi um novo triumpho para a illustre organisadora, que teve o prazer de ver mais uma vez coroados os seus trabalhos de leccionação e apreciado o seu excellent methodo de ensino, hoje considerado em grande altura no nosso meio musical.

* * *

Do concerto de Mad. Angélique de Beer, effectuado na mesma data, nada podemos dizer, porque a elle não assistimos.

No programma figurava a *Sonata*, de Chopin, a de Cesar Franck (violinista Ivo da Cunha e Silva), e pequenos trechos de piano e canto, estes ultimos executados pela promotora e por M.^{elle} Elsa Uberlée.

* * *

Em 24 foi-nos dado admirar em varios solos de harpa uma das nossas mais talentosas artistas, Mad. Martinez Vieira, que de ha muitos annos não tinhamos a fortuna de ouvir em concertos publicos.

Teve logar esta linda festa, excepcional a todos os respeitoes, nas sumptuosas salas da Liga Naval, como quadro gentil e adequado a mais não ser para o genero de arte que se pretendia valorisar. Arte delicada e gracil, que o raro talento da interprete ainda mais pôz em relevo com subtilidades e mimos de execução, que fizeram a admiração de todos.

Nada ha a dizer da harpa como instrumento cantavel; mórmente no registro agudo, ha-de fatalmente resultar secca a sonoridade e a curteza das cordas d'esse registro é manifesto obstaculo á prolonga-

ção das vibrações e portanto á consecução d'um bom estylo ligado. Melhor se prestam, por esse mesmo motivo, os registros médio e grave. Mas o elemento tecnico mais favoravel á indole do instrumento é, como se sabe, o harpejo em todas as suas modalidades de movimento e de côr. A agilidade e o colorido são portanto as duas bases capitaes da technica da harpa e, com esse reduzido material, consegue uma artista como Mad. Martinez Vieira verdadeiras *trouvailles* de expressão!

Isso admiramos em toda a execução da illustre harpista, que além de tudo foi de uma prodigalidade encantadora para os seus convidados, tocando varias peças além das duas que estavam annunciadas (*Mélancolie*, de Godefroid e *As Estações*, poema musical em quatro partes).

Impressionou-nos vivamente esta obra do harpista inglez John Thomas, pois constitue precisamente um exemplo curioso do partido expressivo que se pode tirar do fão lindo como ingrato instrumento. Mad. Martinez Vieira foi uma insuperavel interprete d'essa bella obra, attingindo as culminancias da arte no terceiro numero (*Outomno*) e na bella *Oração ao Creador*, com que fecha o poema.

Devemos tambem alludir, com louvor, ás illustrações litterarias das duas obras do programma, uma poesia do sr. J. Oliveira Simões, sobre a *Mélancolie*, e uns inspirados *dizêres* do sr. Antonio Sergio em commentario ao poema de John Thomas.

Tudo se conjugou portanto para dar a esta apresentação os melhores foros de entusiastica festa d'arte.



Começam amanhã, 1 de julho, os exames dos alumnos do Conservatorio, seguindo-se a esses os dos extranhos.

Os primeiros exames serão os de piano (curso superior), para os quaes os professores Colaço, Bahia, Matta Junior e Garin tem habilitado alguns distinctos alumnos.

Conforme determina a lei, foram convidados diversos professores extranhos para fazer parte dos juries, assim como n'elles se fará representar o Conselho d'Arte pelos srs. José Carneiro, Antonio Lamas e Michel'angelo Lambertini.

* * *

Para reger uma nova aula de composição no Conservatorio foi convidado o sr. Désiré Pâque.

* * *

O grande violinista Kreisler parece que perdeu um braço na guerra; tem-se propalado essa noticia e imagine-se com que desgosto para tantos admiradores d'esse concertista, notavel entre os notaveis!

Thibaud, outro dos artistas consagrados em todo o mundo, tambem foi ferido n'um braço, mas parece que sem prejuizo para o exercicio da arte.

* * *

Gustave Charpentier, o laureado auctor da *Louise*, tem-se consagrado em Paris a serviços hospitalares, assim como todas as suas discipulas do Conservatorio *Mimi-Pinson*, que teem sido umas disveladas enfermeiras dos feridos da guerra.

* * *

O concurso do professor Julio Cardona, que havia sido annunciado para 26 do corrente, teve de ser transferido por incommodo de saude do illustre promotor.



NECROLOGIA

Falleceram a conhecida pianista hespanhola, Maria Cisneros, a professora de piano, D. Maria Luiza da Conceição Pinto Barreto, diplomada pelo Conservatorio de Lisboa, e o sr. Carlos Basto, auctor de tres folhetos, hoje raros, que conteem curiosas estatisticas sobre o nosso theatro de S. Carlos.

* * *

No estrangeiro tambem falleceram o tenor Alfonso Garulli, que cantou com applauso no nosso theatro lyrico, o violoncellista francez Marcel Casadesus, e o notavel musicologo Jules Ecorcheville, presidente da secção de Musica Internacional em França.

Este ultimo, como o anterior, foi victima da terrivel guerra. Já havia sido ferido em 1914 e citado na ordem do dia. Morreu gloriosamente em 19 de fevereiro ultimo na região de Suippes (Champagne), á testa da companhia que commandava. Ao cahir gritou para os seus homens: «Pour moi c'est fini; pour vous, faites votre devoir».